



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELANDO EM HUMANIDADES**

ANUSIA NIMA NGHABO

**DINÂMICA DE PRODUÇÃO E ENFRENTAMENTO FEMININO
NA GRANJA DE PESSUBÉ**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ANIUSIA NIMA NGHABO

**DINÂMICA DE PRODUÇÃO E ENFRENTAMENTO FEMININO
NA GRANJA DE PESSUBÉ**

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado Como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel em
humanidades na Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-brasileiro-UNILAB

Orientadora: Professora Dra. Juliana Dourado Bueno

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ANIUSIA NIMA NGHABO

**DINÂMICA DE PRODUÇÃO E ENFRENTAMENTO FEMININO
NA GRANJA DE PESSUBÉ**

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado Como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

Data de aprovação: 29/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Maria Andrea dos Santos Soares

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. OBJETIVOS.....	8
2.1 GERAL.....	8
2.2 ESPECÍFICOS.....	8
3. JUSTIFICATIVA.....	9
4. HIPÓTESES.....	11
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
5.1 A AGRICULTURA FAMILIAR COMO MEIO DE SOBREVIVENCIA EM ÁFRICA.....	12
5.2 O ENFRENTAMENTO FEMININO NO MERCADO DO TRABALHO NA GUINÉ BISSAU.....	15
5.3 A PRODUÇÃO HORTÍCOLA COMO MEIO DE SOBREVIVÊNCIA DA FAMÍLIA GUINEENSE E CONTRIBUIÇÃO PARA SOCIEDADE.....	18
5.4 AS MULHERES HORTICULTURAS NA GRANJA DE PESSUBÉ- DA PRODUÇÃO À COMERCIALIZAÇÃO DOS SEUS PRODUTOS.....	19
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
6.1 MÉTODOS DE PESQUISA.....	21
6.2 DELIMITAÇÃO DE PESQUISA.....	21
6.3 DESCRIÇÕES DA PESQUISA.....	22
7 CRONOGRAMA 2019-2021.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

O papel das mulheres na sociedade guineense tem gerado controversos debates, tanto em termos da participação da mulher na esfera política, como em termos das suas contribuições na esfera econômica, onde a horticultura aparece como uma das principais formas do trabalho da mulher guineense, sendo assim um dos meios de sobrevivência da família guineense e também uma das vias de abastecimento do mercado na Guiné-Bissau. Diante do exposto, o que nos interessa neste trabalho é discutir a dinâmica de produção, enfrentamento feminino na granja de Pessubé, no período de 2005 a 2016. Procura-se pesquisar de forma mais aprofundada o modo de produção e de comercialização de produtos hortícolas na Granja de Pessubé bem como as principais dificuldades e constrangimentos identificados por estas mulheres.

Antes de entrarmos na discussão do nosso tema propriamente dito, acreditamos ser necessário trazer um breve histórico do território hoje conhecido como Guiné-Bissau.

A República da Guiné-Bissau é um país africano situado na costa ocidental de África, limita-se ao norte com o Senegal, ao sul e ao leste com Guiné- Conakry e é banhado pelo Oceano Atlântico em toda a sua extensão Ocidental. Tem uma superfície de 36. 125 quilômetros quadrados de área, com uma população estimada em cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes, e além de parte continental o território guineense conta ainda com o arquipélago dos Bijagós e mais de 80 ilhas, nas suas maiorias desabitadas, de vegetação tropical densa, separadas do continente por diversos canais (AUGEL, 2007).

O território hoje conhecido como Guiné-Bissau sofreu a ocupação e dominação portuguesa, tendo sido o primeiro país entre todas as colônias portuguesas em África a se tornar independente, declarada em 1973 e reconhecida em 1974, contudo, foi um dos últimos países a tomar a independência quando se leva em consideração à África como um todo. A Guiné tem como capital a cidade de Bissau, com 300 mil habitantes, que concentra a grande parte da economia não agrícola do país (AUGEL, 2007).

Refere-se que segundo o censo de 2009 existem entre 27 e 40 grupos étnicos na Guiné-Bissau, entre os quais, existe uma pequena parte da população com nacionalidade guineense que não pertence a nenhuma etnia (2,2%). Os Fula, com maior predominância no leste do país (Gabu e Bafata), correspondem à etnia com maior expressão na Guiné-Bissau (28,5%). Seguem-se os Balanta (22,5%) que se radica principalmente nas regiões sul (Catió) e norte (Oio), seguidos da etnia Mandinga com 14,7%. Com maior presença no norte do país, a

população pertencente à etnia Papel corresponde a 9,1%, e a pertencente à etnia Manjaco corresponde a 8,3%. Com menor percentagem destacam as etnias Beafada (3,5%), Mancanha (3,1%), Bijagó (como o próprio nome indica vive no Arquipélago dos Bijagós e representa 2,15% da população), Felupe com 1,7%, Mansoanca (1,4%) ou Balanta Mane com 1%. As populações pertencentes às etnias Nalu, Saracole e Sosso correspondem a proporções abaixo de 1%. Essa distribuição geográfica se explica não só por questões históricas, mas, sobretudo pelas práticas tradicionais ligadas a cada grupo étnico. Assim, os Balantas, os Manjacos, os Mancanhas e os Papeis encontram-se predominantemente nas zonas costeiras e dedicam-se ao cultivo de arroz nas bolanhas¹. Os Papeis são os grandes produtores de caju, considerado uma das maiores fontes da economia nacional. Por sua vez, os Fulas são bastante ligados ao comércio e à criação de animais. Os Bijagós são considerados pescadores por excelência, já os Mandingas trabalham principalmente no comércio e na agricultura (BENZINHO; ROSA, 2015).

A zona com maior predominância da etnia Mancanha parece relevante para o nosso trabalho, já que uma das hipóteses do projeto de pesquisa é que a etnia Mancanha é a que aparece em maior número na Granja de Pessubé. Diante disso, Mamadú Jau (*apud*. Carreira 1953, p.38) descreve que “o habitat tradicional dos Mancanha está situado entre a margem direita do rio Mansoa e a margem esquerda do rio Cacheu”. Sector de Bula e secção de Có são conhecidos como duas terras pertencentes à etnia Mancanha localizadas concretamente na zona Norte do país.

A Granja de Pessubé fica localizada na capital Bissau, especificamente no bairro de Granja (bairro que recebeu este nome por causa da presença da própria granja de Pessubé naquela zona), nos arredores dos bairros de Missira, Sintra, Amidalai, Luanda, e Reno. Vale dizer que Granja de Pessubé é um espaço grande com cerca de 400 hectares, verde e húmido, que agregava infraestrutura de grande qualidade, talvez por essas razões que Amílcar Lopes Cabral enquanto agrônomo recém-formado e com objetivo de mudar o modelo colonial até então existente nesse espaço, assim que chegou o território de Guiné Bissau no ano 1952 pretendia:

Transformar a Granja de mera unidade de produção de legumes destinados às autoridades políticas e administrativas coloniais da praça e num local de piqueniques e passeios recreativos, num centro de pesquisa agrícola, enquanto instrumento para melhorar e modernizar a produção dos agricultores (SCHWARZ, 2012, s/p).

¹ Bolanha trata-se do espaço onde se cultiva o arroz

No período antes da luta de libertação nacional, Amílcar Lopes Cabral, que é considerado como Pai da nação Guineense² por ter lutado pela independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde, foi um dos primeiros agrônomos contratados na altura para trabalhar na Granja de Pessubé. Na época, Guiné-Bissau era administrada pela autoridade colonial portuguesa, depois da luta de libertação nacional, este lugar foi abandonado e ficou muito tempo sem ser cultivado. Nesta ocasião, surgiu a ideia por parte de algumas mulheres de utilizar o espaço para as suas produções hortícolas.

Este grupo de mulheres dirigiu-se para o Ministério de Agricultura a fim de pedir o espaço e devido à importância da boa iniciativa, foram concedidos alguns espaços para seus trabalhos hortícolas. Com apoio de governo na altura, começaram suas atividades hortícolas, pois, com o tempo foi se integrando mais mulheres e ampliando cada vez mais o espaço, onde elas até hoje cultivam produtos como alface, repolho, couve, tomate, milho, quiabo, salsa, coentro, entre outras hortaliças.

Em 2005, foi criada uma associação de mulheres agricultoras de Granja de Pessubé que foi denominada de “**Ulilé Naci bachi**” (“se Deus quiser” na língua mancanha). Com a criação dessa associação passaram a contar com um pouco de apoio de materiais de trabalho por parte de Ministério de Agricultura e outras Organizações não Governamentais. Refere-se que os materiais recebidos foram: enxada, regador, balde, catana³, carreta, entre outros materiais que auxiliam nos seus trabalhos, e ainda receberam por parte destas, sementeiras de algumas plantas que são cultivadas nesse espaço.

Atualmente a Granja de Pessubé continua sendo um lugar ocupado pelas mulheres de diferentes etnias que em sua maioria possuem filhos e são as únicas ou principais responsáveis pelo sustento financeiro em suas unidades domésticas.

De um modo geral pode-se dizer que dependem da produção hortícola para garantir o sustento à família. Como podemos ver na afirmação de Santos et al:

Esta atividade desenvolvida e gerida esmagadoramente por mulheres, é uma atividade que contribui para diminuir os momentos de dificuldade e de escassez de Alimentos nas famílias e que contribui para o investimento na alimentação e na educação (SANTOS et. al., 2017, p. 79).

² Amílcar Lopes Cabral é considerado como Pai da nação Guineense porque desempenhou um papel muito importante na luta de libertação de Guiné-Bissau. Foi ele quem liderou o PAIGC que é o partido africano para independência de Guiné e Cabo Verde durante época colonial portuguesa.

³ Catana, significa facão.

Assim fica evidente que a horticultura apesar de ser um trabalho pouco valorizado constitui uma atividade preponderante para o sustento da família guineense, principalmente no período de escassez de alimentos como foi referenciado por alguns autores.

Diante disso, este projeto de pesquisa pretende realçar algumas questões sobre o papel das mulheres na Guiné- Bissau, especificamente das mulheres horticultoras na Granja de Pessubé. Buscamos compreender quais as dinâmicas e os processos de enfrentamento nesse local.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a dinâmica de produção e enfrentamento feminino na Granja de Pessubé.

2.2 ESPECÍFICOS

- Analisar as relações entre as mulheres horticultoras de Granja de Pessubé dentro do seu espaço de trabalho, sabendo que pertencem a grupos étnicos diferentes, tais como, mancanha, balanta e papel.
- Investigar se as mulheres horticultoras recebem apoio por parte de Ministério de Agricultura e câmara Municipal de Bissau e em que domínio.
- Procurar saber se as mulheres horticultoras enfrentam dificuldades na produção e na comercialização dos seus produtos. E, em caso afirmativo, descrever as dificuldades.
- Analisar relatos sobre a interação entre os técnicos de Ministério de Agricultura, Câmara Municipal de Bissau e as mulheres horticultoras, já que trabalham no mesmo local.

3 JUSTIFICATIVA

Na Guiné-Bissau existe preconceito em relação a certas práticas, gostos e costumes de alguns grupos étnicos, contudo, por incrível que possa parecer, a sociedade trata esses preconceitos com toda naturalidade. Assim posso citar que a etnia papel é associada a costume de produção de manga, fala-se que onde mora um papel tem sempre uma mangueira. Sobre os balanta, refere-se que têm gosto por carne de porco ou que têm costume de roubo. Por sua vez, a etnia mancanha é ligada a trabalhos de horticultura, principalmente as mulheres, defende-se que as mulheres da etnia mancanha mesmo morando no prédio procuram sempre espaços para fazer horta.

Contudo, Domingues (2000) chama atenção sobre a confusão que se costuma fazer sobre algumas práticas serem exclusivas de alguns grupos sociais, seja pela identidade, gênero ou religião, enfatizando de que nem sempre essas ideias corespondem à realidade. O caso das mulheres pertencentes à etnia mancanha estarem envolvidas mais na produção e comercialização dos produtos hortícolas está relacionado com suas trajetórias históricas.

A migração de campo para cidade, concretamente a zona periférica de Bissau, permitiam-lhes introduzir a práticas hortícolas durante o tempo em que esse território não era ainda habitado por outros grupos. As suas aproximações ao mercado e fácil acesso ao transporte contribuiu bastante para sua permanência na produção hortícola. E o contato com a população que vive na casamansa⁴ durante período colonial foi o outro motivo que contribuiu muito para sua especialização nessa área.

Numa visão um pouco diferente, Bolanha (2013) aponta que os felupes apesar de serem um povo que predomina a cultura de arroz, nos últimos tempos a implementação de cultura hortícola têm sido um arranjo para aliviar os momentos de escassez de alimentos e garantir sua segurança alimentar. Essas produções hortícolas, além de ajudar no equilíbrio de maus resultados agrícolas, quando são comercializados os lucros são aplicados nas compras de outros produtos para satisfazer as necessidades.

Tendo feito esse levantamento, vale relatar aqui de forma sucinta a minha experiência como pertencente desse espaço. Cresci ouvindo esses preconceitos nas suas diversas formas, mas, como sou da etnia mancanha e vivia no meio dessas mulheres trabalhadoras, quando auxiliava a minha mãe que trabalha de horticultura na granja de Pessubé, sinto necessidade de pesquisar a temática para entender porque as mulheres mancanhas são associadas ao trabalho

⁴ Casamansa: É uma região do Senegal que fica localizada ao norte de Guiné-Bissau e ao sul da Gambia, é separada pelo rio Casamansa.

da horticultura e como se desenvolve o trabalho no meio físico e de produção onde eu vivia e através do qual a minha mãe garantia alimentação, saúde e educação para toda a família.

Temos como recorte espacial a granja de Pessubé por ser local onde a minha mãe trabalha e preferimos o período de 2005 a 2016, primeiro por ser a data em que foi criada a associação de mulheres horticultoras de Granja de Pessubé e o segundo porque foi o ano em que saí da Guiné-Bissau para vir estudar no Brasil, portanto, considero os períodos citados como marco histórico.

Até a data que deixei o meu país, constatei que a minha mãe saía de casa às 5 ou 6 horas da manhã e voltava só às 18 ou 19h, era a mesma jornada todos os dias. Quando completei 8 anos eu insistia com a minha mãe para ela me levar para horta. A verdade é que às vezes a gente ia junto, eu ficava lá sem poder ajudar em nada porque tudo que elas faziam era muito pesado para criança da minha idade, e eu sentava só a observar. E lembro que ela me dizia: “filha, é isso que faço todos os dias, se eu tivesse uma formação acadêmica como os meus irmãos, acredito que não passaria o dia todo aqui”.

O tempo passou, cresci e comecei a ajudar a minha mãe no trabalho da horta, e acabei sentindo na pele tudo o que ela me falava, ou seja, tudo que via quando ela chegava do trabalho e ficava gemendo e chorando de dores no corpo a noite toda e no dia seguinte partia de novo para a mesma jornada. Talvez ela insistia porque se trata de uma questão de sobrevivência, ou seja, se ela não trabalhar a família não teria como manter a sobrevivência.

Muitas das vezes, os filhos ou filhas das mulheres horticultoras sentem vergonha de assumirem as suas identidades enquanto filhos ou filhas dessas mulheres. Em muitos casos nem sequer ajudam a mãe no trabalho da horta. O caso mais próximo que evidencia esses comportamentos, são do filho e da filha da minha tia que pouco ajudavam a sua mãe no trabalho da horta, e também na venda dos produtos hortícolas. Eu os perguntava por quais motivos não aceitavam ajudar a vossa mãe no trabalho da horta? A resposta que ouvia das duas era que esse trabalho era cansado e que tinham vergonha de fazer aquilo porque os colegas iam dizer que são filhos de horticultoras.

Perante isso, entendemos que às vezes vivemos sob a pressão da sociedade, onde tudo que fazemos é para agradar os outros. Não obstante, presumimos que nesse caso é devido à desvalorização do trabalho hortícola na sociedade bissau-guineense.

A curiosidade para investigação sobre essa temática ficou mais intensa com o meu ingresso na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira onde associei as discussões teóricas sobre o gênero com a realidade das mulheres horticultoras. E

como o papel das mulheres vem sendo marginalizado e menosprezado na sociedade em geral, ou seja, como vivemos numa sociedade machista em que o valor da mulher é visto como inferior ao dos homens é uma das razões que me motiva a fazer essa pesquisa.

Por ser uma temática pouco explorada em termos de produção acadêmica, acreditamos que o trabalho além da relevância pessoal, tem também relevância acadêmica, social e política. O primeiro justifica-se na crença de que pode servir como suporte teórico para os futuros trabalhos científico ligado à temática, como artigos, monografias, ou qualquer tipo de produção acadêmica.

Por outro lado a importância social da nossa pesquisa se fundamenta no fato de que o trabalho pode ajudar a realçar o papel das mulheres na sociedade bissau-guineense e não só, suscitando assim novos debates que aos poucos podem ajudar a esclarecer a opinião pública sobre o trabalho das mulheres horticultoras na Guiné-Bissau e conseqüentemente reduzir o preconceito que se tem em relação a essas mulheres.

A relevância política do nosso estudo assenta-se na hipótese de que, o mesmo pode provocar atenção do Estado sobre ação das mulheres horticultoras, quiçá, no futuro comecem a prestar mais apoios técnico e material para o desenvolvimento da horticultura na Granja de Pessubé e nas demais localidades da Guiné-Bissau.

4 HIPÓTESES

As nossas hipóteses apontam que a grande dificuldade que as mulheres horticultoras de Granja de Pessubé enfrentam no cotidiano de seus trabalhos, reside em dois períodos: o da seca (Março e Abril), e o das chuvas fortes (Julho e Agosto). No período de Março e Abril enfrentam uma série de dificuldades, devido à escassez da água que dificulta na irrigação das plantas, acabando elas por morrer. E assim como no período das chuvas fortes (Julho e Agosto) também o excesso de água na maioria das vezes dificulta o cultivo de certos produtos hortícolas como couve, alface, tomate, repolho cenoura, salsa, coentro, entre outras.

Praticamente os produtos que têm mais facilidade a serem cultivados no período chuvoso são milhos, pepinos, batata, mandioca (aipim). Muitas dessas trabalhadoras acabam ficando em casa porque a chuva impossibilita a continuidade do cultivo. Tudo isso pode gerar fome para estes agregados, porque os alimentos produzidos nesse período não são suficientes para assegurar o sustento destas famílias.

A relação entre as mulheres horticultoras na Granja de Pessubé não é das melhores, acredita-se que a identificação étnica acaba por constituir entrave nas suas relações.

Pressupomos que as mulheres horticultoras de Granja de Pessubé recebem pouco apoio por parte de Ministério de Agricultura e Câmara Municipal de Bissau.

As mulheres da etnia mancanha constituem o grupo maioritário entre as horticultoras na Granja de Pessubé.

A dificuldade de encontrar os espaços para conservar e vender os produtos hortícolas são outros fatores que assolam o dia a dia das mulheres horticultoras de Granja de Pessubé.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para discutir a problemática de agricultura e a horticultura como uma das suas áreas específicas, temos como abordagem teórica muitos autores podendo destacar aqui MUTEIA (2012), BOLONHA (2013), CORREIA (2012), NETO (2013) e DE MELO (2012), que trouxeram contribuição sobre segurança alimentar e agricultura familiar. DOMINGUES (2000) traz reflexão sobre a horticultura da etnia mancanha, LOPES (2011), SCOTT (1989), CARVALHO & SCHNEIDER (2013) e TEIXEIRA (2014), nos ajudaram a pensar a questão do género, destaque ainda para contribuição de ONU, e alguns dos seus organismos especializados, (FAO, 2011), assim como algumas convenções internacionais. Assim sendo, esta seção será composta por quatro tópicos teóricos, a saber: A agricultura familiar como meio de sobrevivência em África; O enfrentamento feminino no mercado do trabalho na Guiné-Bissau; A produção hortícola como meio de sobrevivência da família guineense e contribuição para sociedade; As mulheres horticultoras na granja de Pessubé - da produção à comercialização dos seus produtos.

5.1 A AGRICULTURA FAMILIAR COMO MEIO DE SOBREVIVENCIA EM ÁFRICA

Tanto no continente africano, como em várias localidades do globo, a agricultura familiar constitui um dos meios de sobrevivência de variadíssimas famílias.

Reconhece-se, no entanto, que o combate à fome é uma questão primordial e muito difícil de suprir para muitos países, tanto que, é possível afirmar que todos os Estados assumem a necessidade de garantir a alimentação de quantidade e qualidade para a sua

população, às vezes perante a constituição, outrora, nas convenções internacionais, daí que a segurança alimentar e nutricional se torna uma problemática global. Vale destacar que em muitos países a segurança alimentar era pensado mais em termos de quantidade de produtos alimentícios, se dava menos atenção à qualidade e meios para alcance dos mesmos, a exemplo da Guiné-Bissau, o que nos últimos anos tem sido bastante mudado, pois, se começou a pensar a importância da nutrição, quer dizer, não basta só alimentar, é preciso nutrir.

No dizer de Secretário de Estado da Segurança Alimentar da Guiné-Bissau, Filipe Quessangue, na ocasião de sua participação na Segunda Conferência Internacional sobre a nutrição, realizada em Roma, no período de 19 a 21 de Novembro de 2014, a má nutrição contribui para problemas de saúde e para a mortalidade da população. Ela diminui a força de trabalho e a produtividade, e constitui um obstáculo ao desenvolvimento socioeconômico. Uma boa nutrição da população constitui uma prioridade e uma condição essencial para alcançar vários objetivos de desenvolvimento.

Refletindo sobre segurança alimentar, Muteia (2012), assinala que o debate sobre como garantir segurança alimentar nesses últimos 20 anos, propõe a questão para além de que deve existir alimento para todas as pessoas, todos também devem ter acesso físico e econômico do mesmo para satisfazer as suas necessidades. Porém, o aumento da produtividade agrícola seria um fator importante para que todos pudessem garantir os direitos a uma alimentação adequada.

Na mesma linha de pensamento do autor acima referido, Bolonha (2013) afirma que, a segurança alimentar não é referente só à falta de quantidade dos alimentos disponíveis, mas também é importante levar em conta a possibilidade dos indivíduos de terem poder de acesso do mesmo.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), no seu 25 ° art. declara que todo o indivíduo tem direito a um nível de vida suficiente que lhe possa assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação. Todavia, o problema de insegurança alimentar sempre foi e ainda é preocupação em muitos países do mundo principalmente nos menos desenvolvidos.

Aponta Muteia (2012) que existem variadas causas de fome no mundo, mas há uma variação em termos do país, da região, da comunidade e da família. Afirma ainda que África Subsaariana e Ásia são compostas de 90% da população afetadas pela fome, ainda pode ver que 70% destas famílias garantem seus sustentos através da prática agrícola.

Diante do exposto, a agricultura familiar é tida como um dos setores de arranjo para suprir o problema de insegurança alimentar nesses países. Segundo dados de FAO, os pequenos agricultores são responsáveis por ocupar mais de 80% das terras para suas produções agrícolas (FAO, 2011). Esses agricultores trabalham nas pequenas produções agrícolas onde as mãos de obras são dos membros da família e os produtos são consumidos por esses agregados.

Numa perspectiva um pouco diferente, Correia (2012) aborda que a agricultura familiar e os pequenos produtores são encarregados de produção dos alimentos, porém, são os mais afetados com a insegurança alimentar e nutricional. Essas produções garantem em parte o problema de escassez dos alimentos, mas não conseguem cobrir todas as necessidades desses agregados.

Parece-nos interessante a reflexão Muteia (2012), quando evidencia que alguns fatores como clima, geografia, nível de países e condições familiares são extremamente importantes para entender o problema de fome no mundo. As assertivas de Muteia (2012) vão ao encontro de Neto (2013), quando enfatiza que alterações climáticas, degradação ambiental, somadas à ocorrência de migração, conflitos e doenças, provocam cada vez mais a situação de insegurança alimentar. A escassez de terra para a produção de alimentos e conseqüentemente a sua comercialização por um preço acessível constituem igualmente situações de insegurança alimentar principalmente em África.

Muteia ainda comenta:

No contexto africano, por exemplo, a pobreza absoluta, dos pais, das famílias e dos indivíduos, gera não apenas a incapacidade de produzir, como também uma situação de extrema vulnerabilidade aos desastres naturais (como secas, inundações e pragas), e a alta e volatilidade dos preços que vem assolando o mercado das commodities agrícolas (MUTEIA, 2012. p97)

Sobre a participação das mulheres nas atividades agrícolas em África, podemos constatar nos dados de RUSIC (O Projeto do Milênio da ONU), que a presença feminina na atividade agrícola no continente africano, além de contar com a participação de mais de 80%, são forças fundamentais para assegurar alimentação dos agregados familiares.

Por sua vez, Bolonha (2013), realça a importância de papel das mulheres na sociedade africana que são responsáveis pelas produções de modo a manterem as condições de estabilidade social.

Fazendo paralelo com uma realidade diferente do contexto africano, De Melo (2012) afirma que o trabalho das mulheres na agricultura familiar no Brasil além de ser muitas das

vezes não remunerado, é considerado gratuito, de uma ajudante, pois suas produções não são suficientes comparados aos dos homens, desta forma parte-se de pressuposto que elas contribuem pouco para o rendimento socioeconômico.

Apesar de que alguns autores reconhecem a importância da participação feminina na agricultura, mas elas ainda não têm uma autonomia sobre terras que cultivam. Como podemos ver nas abordagens dos autores como Bolonha (2013) e Domingues (2000), quando ilustram que, num sistema patriarcado, em alguns países africanos, os homens é que detêm a posse das terras, ou seja, as mulheres só têm acesso às terras através dos seus maridos, onde juntos trabalham, porém, no caso de divórcio ou morte do marido, elas perdem o direito a terra, essa explicação vai ao encontro principalmente da realidade guineense.

5.2 O ENFRENTAMENTO FEMININO NO MERCADO DO TRABALHO NA GUINÉ-BISSAU

Antes de começarmos a nossa análise sobre o enfrentamento feminino no mercado do trabalho na Guiné-Bissau, debruçaremos sobre conceito de gênero para o seu melhor entendimento.

Para Lopes (2011), a ideia do gênero é uma construção social. Na mesma linha, Scott (1989) define o gênero como componente que é construído das relações sociais através das diferenças concebidas entre os sexos. Ou seja, é uma forma básica de manifestar as relações de poder.

Num raciocínio um pouco deferente Carvalho e Schneider (2013) ilustram que as relações de gênero são muito ligadas às relações do poder e a sua reprodução independe da distância espaço-temporal, quer dizer, tanto em Cabo-Verde, como no Brasil a posição das mulheres é a mesma, com múltipla jornada de trabalho: o trabalho produtivo no campo, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

A precária situação de trabalho onde as mulheres se encontram ao longo dos tempos não se explica pelo fato de uma região ser mais ou menos desenvolvida que a outra, os países desenvolvidos ou os que estão em vias do desenvolvimento também se deparam com as situações de precaridade de trabalho das mulheres.

Teixeira (2014) aponta que no caso do Brasil, a ocupação das mulheres nos trabalhos remunerados tem evoluído nos últimos anos, mas, mesmo com o nível da escolaridade

superior e carga horaria muito elevado em relação à dos homens, elas ainda permanecem numa posição inferior no posto do trabalho, e com grande diferença salarial.

Diante desse cenário, autora reforça a ideia de que a divisão sexual de trabalho baseada na produção econômica e reprodução social é responsável por não apropriação das mulheres no espaço público.

Perante o exposto, pode-se afirmar que em algumas sociedades existe uma lógica de divisão sexual do trabalho. Os autores como, De Melo (2012), Carvalho e Schneider (2013), Teixeira (2014) são unânimes em apontar que nessas sociedades o papel da mulher é visto como o detentor do espaço privado, aquele que cuida do lar e da família enquanto o do homem se insere no espaço público como sujeito político.

Além disso, as mulheres são consideradas como pessoas frágeis que não possuem condição física para aguentar certos trabalhos. E os homens são considerados como os mais fortes que conseguem suportar trabalhos duros, são eles que trabalham para garantir o sustento da família.

No entanto, numa perceptiva diferente dos autores supramencionados, parece interessante a abordagem de Adesina (2012), quando trouxe elementos que mostram que as mulheres são forças sociais assim como os homens na sociedade Yorubá, não existia nesse caso a divisão sexual do trabalho nessa sociedade. Antes da colonização as mulheres desempenhavam papéis de destaque nas diferentes esferas que compõem a mesma sociedade, assim comenta que:

Antes da colonização pelo Ocidente, o conceito gênero não fazia parte dos princípios organizativos da sociedade Yorubá... Pelo contrário, o princípio fundamental da organização social era a senioridade definida pela idade relativa' (Oyewumi 1997:31). A linguagem Yorubá não é genderizada, e categorias como 'masculino' e 'feminino' são de difícil tradução linguística uma vez que há muito pouco sobre a associação de tais categorias socialmente construídas com a masculinidade ou feminilidade anatómicas (Oyewumi, 1997 p.33 *apud* Adesina 2012).

Baseando ainda nos dados de Jimi Adesina, ela afirma que, o nome 'Okùnrin' e 'Obinrin, apesar de carregar uma ideia de masculino e feminino, não substitui o sentido do gênero e nem atribui privilegio e desvantagem que um possui em relação ao outro dentro dessa sociedade. A prática religiosa do povo Yorubá pode ser dirigida tanto pelo homem, como pela mulher. E ainda ele mostra que nessa sociedade as mulheres são as que mais dominam o mercado, assim como o comércio. Suas atividades não se baseiam só no trabalho doméstico, pois, são independentes e autônomas. Elas participam na tomada de decisão na esfera social, econômica e até ao mais alto cargo político.

Tendo como base a ideia dos autores, é plausível afirmar que, em algumas sociedades, o trabalho feminino foi e ainda é visto como o menos importante, isso devido à desvalorização do papel da mulher na sociedade. Vale realçar ainda que, o papel da mulher nessas sociedades além de visto como menos importante é considerado também como menos produtivo.

Autores como De Melo (2012), Carvalho & Schneider (2013), seguem essa linha de argumentação. No entanto, Oyewumi (*apud* Adesina, 2012), traz reflexão numa perspectiva diferente dos outros autores.

Nota-se, no entanto, que na contemporaneidade começou-se a discutir na teoria social principalmente nos estudos feministas sobre o papel das mulheres na sociedade. Como aponta o Araujo (2005), a ampliação dos movimentos feministas e proliferação das ideias dos mesmos somados a maior envolvimento das mulheres nas classes trabalhadoras, populares, sindicalistas e de pesquisadores universitários, influenciou significativamente para o surgimento de novas abordagens teóricas no que diz respeito à categoria gênero.

Analisando a questão do enfrentamento feminino no mercado de trabalho na Guiné-Bissau, pode-se afirmar que em muitos países do mundo a questão do emprego e do pagamento de salário nos parece ser problemas que aos poucos estão sendo resolvidos, ou seja, no caso desse último é habitual em vários países do mundo que os funcionários recebam os seus respectivos salários no final de cada mês, contudo, o mesmo não se verifica na Guiné-Bissau onde o desemprego está crescendo cada vez mais e o pagamento de salário foi e continua a ser a grande deficiência do Estado e mesmo para algumas empresas privadas.

Isso fica mais claro na abordagem de Augel (2007), quando enfatiza que na Guiné-Bissau o salário para além de ser baixo é pago irregularmente com valor de 25 dólares americano. Os cidadãos que têm empregos formais no serviço público não atingem dez mil em todo o território nacional. Independentemente disso, existe a falta de quadros qualificados, que contribui para o desenvolvimento do país.

Situações essas tendem a obrigar as populações a buscarem outras formas de trabalho, apostando uma hora na criação de pequenas e médias empresas, na maioria das vezes com características empregadoras familiares, outrora, no empreendedorismo, ou mesmo em alguns trabalhos informais para manter a sobrevivência.

O lugar da mulher no mercado de trabalho assim como a participação das mulheres na esfera política, tem sido assunto de bastante controvérsia na sociedade bissau-guineense nos últimos anos.

Segundo o “Relatório nacional sobre a aplicação/implementação da declaração e do plano de ação de Beijing⁵”, as mulheres têm contribuído bastante para o crescimento econômico, através das ações na agricultura, pecuária, pesca e principalmente na horticultura. O desenvolvimento se assenta no setor informal tanto na zona urbana, como na zona rural, especialmente no comércio e no trabalho doméstico.

Hoje se vê que apesar de tantas marginalizações as mulheres desempenham um papel social mais ativo em relação a velhos tempos na Guiné-Bissau.

Essas funções assentam principalmente nos trabalhos informais, onde a horticultura não seria uma exceção. Segundo Lopes (2011), na Guiné-Bissau as mulheres participam na esfera econômica envolvendo mais no mercado informal, ou aquele mal remunerado. Desempenham um papel importante na família, na medida em que cuidam da casa e da educação dos filhos. Principalmente as mulheres que vivem na zona rural, que além de cuidar da família, são grandes executoras de atividades agrícolas e de pescada. Sendo ao mesmo tempo agentes econômicos e educacionais.

É possível afirmar que as mulheres desempenham um importante papel na sociedade bissau-guineense, na medida em que através das atividades como a horticultura e a realização de vendas dos produtos de alimentação, cosmético e de vestuário, conseguem suprir as necessidades básicas da família. Tanto que na Guiné-Bissau utiliza-se uma velha expressão que aponta as mulheres como “**Firkidja di Família**” por assim dizer, são elas que dão suporte à família.

5.3 A PRODUÇÃO HORTÍCOLA COMO MEIO DE SOBREVIVÊNCIA DA FAMÍLIA GUINEENSE E CONTRIBUIÇÃO PARA SOCIEDADE

Em muitos países do mundo a agricultura é um setor de alavanca para o desenvolvimento, sobretudo para manter a sobrevivência. E isso se torna mais patente na Guiné-Bissau onde 70% da população dependem da agricultura (INE-GB, 2014).

Diante de tanta dependência de setor acima citado, a horticultura é um dos meios mais usados no país, no que diz respeito a sustento da família.

É importante destacar a horticultura como um dos ramos da agricultura, na qual as mulheres são tidas como os principais atores dessa atividade que contribui bastante no sustento de muitas famílias, no abastecimento do mercado, quiçá, para o aumento da

⁵ Beijing é o nome dado a um relatório nacional de ação das mulheres na esfera política, social e econômica.

economia do país. Como podemos perceber na opinião dos autores, (SANTOS. et al, 2017,p.76), apesar de a agricultura familiar de subsistência ser predominada pela cultura de arroz, o caju e as culturas hortícolas também contribuem muito na redução de escassez de alimento.

Numa perspectiva quase similar, Domingues (2000) evidencia que os homens são mais ligados a práticas comerciais, e as mulheres dominam a cultura hortícola que geram rendimentos e que assegura sustento familiar.

A horticultura na Guiné-Bissau é uma atividade desenvolvida maioritariamente por mulheres de diferentes regiões e cidades do país. Conforme jornal, O Democrata, no capital Bissau existem três campos hortícolas, designadamente: Campo de **Granja de Pessubé**, Campo de ‘**Manél iagua – Manuel Água**’ e o Campo de Bairro de ‘**Tchada – Achada**. Outro campo hortícola fica localizado na **Ponta Rocha** no setor de Safim, na sub-região destaque para, projeto hortícola **Concó-Bai**, (que significa na língua mandinga combater a fome), no setor de Bigene. Santos et al, (2017), realçam ainda o projeto “**Kópóti pa cudji nô futuro**”, ⁶implementado pela ONGD VIDA, desenvolvida no norte da Guiné-Bissau, na região de Cacheu, Setor de São Domingos, onde é possível identificar as 6 aldeias inseridas no projeto (Suzana, Bulol, Eossor, Djifunco, Elalab e Edjim).

Em todos esses campos as mulheres buscam além do sustento da família, a educação, a saúde e bem-estar dos seus agregados familiares. E o campo de Granja de Pessubé constitui o nosso principal foco não só por termos uma vida atrelada a ele, mas, sobretudo por ser um dos primeiros e mais importantes do país.

5.4 AS MULHERES HORTICULTURAS NA GRANJA DE PESSUBÉ - Da PRODUÇÃO à COMERCIALIZAÇÃO DOS SEUS PRODUTOS

Sabe-se que a Guiné-Bissau é um país africano, cuja estação do ano conta com duas estações: chuva e seca. O primeiro começa de Maio a Novembro, enquanto que o segundo inicia de Novembro a Maio.

Normalmente, as produções hortícolas se intensificam ou diminuem de acordo com o período. As mulheres horticultoras de Granja de Pessubé trabalham nas produções de legumes como: Alface, couve, repolho, coentro, salsa, cenoura, pimenta, quiabo, entre outros produtos hortícolas. Os produtos têm as suas especificidades, ou seja, uns são mais persistente a uma

⁶ Kópóti pa cudji nô futuro, significa cultivar para colher o nosso futuro

época que outros. Razão pelo qual alguns produtos são altamente comercializados numa época e escassos noutras. Lembrando que o país não dispõe de indústrias para conservação e transformação dos produtos em bens de produção ou de consumo.

As atividades hortícolas iniciam no final de mês de Setembro e Outubro, já com fraca frequência da chuva, começam preparo do terreno, e começa plantação de algumas plantas que conseguem resistir uma certa quantidade de água, como berinjela, repolho, tomate... No mês de novembro e dezembro se encontram quase todos os terrenos plantados e também começam vendas de alguns produtos. No mês de Janeiro e Fevereiro, se intensifica a comercialização dos produtos hortícolas.

No mês de Março, Abril e Maio, verifica-se a diminuição da produção, isso acontece talvez por ser um período de muito sol no país. E no mês de Junho, Julho e Agosto, que são períodos de chuvas fortes, é quase inexistente a produção hortícola nesse espaço. No entanto, por causa da dificuldade de produção nessa época, constata-se pouca participação das mulheres nesse espaço, muitas acabam abandonando a horta para procurar outros meios para garantir a sobrevivência da família.

Conforme o que já foi relatado acima, o trabalho hortícola na Granja de Pessubé é predominantemente feminino, mas isso não implica dizer que não existe presença masculina neste espaço, pois é comum ver a participação dos próprios filhos destas trabalhadoras. Existe também a presença dos jovens estudantes que geralmente saem do interior do país para ir estudar na capital Bissau, eles ajudam em alguns trabalhos principalmente no início do ano. Importa destacar que esses jovens trabalham de forma a garantir as suas estadias na cidade.

As mulheres de Granja de Pessubé deparam com grandes dificuldades não só na produção, mas também nos armazenamentos e vendas dos produtos hortícolas. Contudo existem pequenos mercados onde se faz vendas desses produtos, muitos queixam que não são lugares apropriados para tal. Segundo notícia ANG⁷, a grande dificuldade que essas mulheres enfrentam reside na falta de água para irrigar as suas plantações, que na maioria das vezes obrigam-lhes a abandonar o campo e a falta de segurança com relação aos seus produtos que às vezes são roubados pelas pessoas e muitas das vezes acabam por não serem identificados.

Diante da situação acima exposta, verifica-se que no período de escassez de alguns produtos, as mulheres buscam a solução através de importações dos produtos na sub região, principalmente na vizinha República do Senegal. Apesar das suas contribuições para a

⁷ Agencia Nacional Guineense

sociedade e também de certa forma para a economia do país, é quase inexistente o incentivo para melhoria nas produções desses produtos, por parte do Estado.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

6.1 MÉTODOS DE PESQUISA

Tendo em conta o nosso objeto de pesquisa - dinâmica de produção, enfrentamento feminino na granja de Pessubé, pretendemos trabalhar com o método de pesquisa qualitativa de caráter exploratória, por acreditarmos ser mais adequado para o trabalho que queremos levar a cabo. Diante disso, acreditamos ser necessário definir o método escolhido para o seu melhor entendimento.

A pesquisa qualitativa é meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, as análises dos dados indutivamente construídas a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apoiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação (CRESWELL, 2010, p.26).

A abordagem de Creswell nos mostra que a nossa pesquisa enquadra-se com o método escolhido.

6.2 DELIMITAÇÃO DE PESQUISA

Vale dizer que este é um projeto de pesquisa no qual pretendemos dar continuidade após o término do curso Bacharelado em Humanidades, através de uma pesquisa de campo a ser realizada na Guiné-Bissau, tendo como delimitação espacial a granja de Pessubé. Entrevistaremos oito (8) mulheres horticultoras que trabalham na Granja de Pessubé. Levaremos em consideração o número das mulheres de acordo com o grupo étnico, ou seja, o maior número das entrevistas será aplicado com o grupo majoritário, seguindo a ordem decrescente para os demais grupos. Também, participarão dois (2) funcionários do Estado, nesse caso do Camará Municipal de Bissau e de Ministério de Agricultura, podendo ser

homem ou mulher desde já que presta serviços na granja de Pessubé levando em consideração a longevidade (experiência) do funcionário no local, pois é a nossa ideia questionar sobre políticas de Estado em relação a esse lugar e as políticas públicas destinadas a mulheres horticultoras na Granja de Pessubé. Para a realização dessa pesquisa, não é nossa ideia questionar ou por em causa a capacidade intelectual ou física dos entrevistados, isto é, levaremos em conta as suas possíveis limitações.

6.3 DESCRIÇÕES DA PESQUISA

Quanto à técnica de coleta de dados em primeiro lugar faremos levantamento bibliográfico nos livros, artigos, e blogs, tentando levantar algo sobre a nossa temática e posteriormente pretendemos realizar uma pesquisa de campo na Guiné-Bissau, concretamente na Granja de Pessubé.

Para Lakatos (2010)

A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações/ou conhecimentos acerca de problema, para qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS, 2010, p.169).

A nossa pesquisa de campo será realizada através de entrevistas semiestruturadas.

Segundo Manzini (2003), uma das características da entrevista semiestruturada é a elaboração de um conjunto de questões pré-definidas, mas que abre a possibilidade de adaptação de outras questões no decorrer da entrevista. A entrevista semiestruturada será realizada face a face. Ela é interpessoal, ou seja, um a um, e será gravada em áudio e depois transcrita.

No que concerne ao tipo de investigação, escolhemos a exploratória para a realização dessa pesquisa. Segundo Gil "as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses" (GIL, 2010, p.27.).

Quanto à análise de dados, optamos por codificar os dados para depois estrutura-los e analisá-los.

7 CRONOGRAMA 2019-2021

Atividades	1 SEMESTRE	2 SEMESTRE	3 SEMESTRE	4 SEMESTRE	5 SEMESTRE
Revisão bibliográfica	X	X	X		
Coleta de dados		X	X		
Análise dos dados e Leitura		X	X	X	
Execução da pesquisa			X	X	X
Revisão e correção				X	X
Redação e análise final do material coletado					X
Entrega e apresentação do trabalho					X

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007 (422 p.).
- BENZINHO, Joana. ROSA, Marta. **Guia Turístico: a descoberta da Guiné-Bissau**. Gráfico Ediliber, Coimbra. Dezembro de 2015.
- CARVALHO, Carla; SCHNEIDER, Sergio. **“Fornadjeiras”: mulheres, mobilidade social egênero na produção de aguardente (grogue) em comunidades rurais de Cabo Verde/África**. Contemporânea v. 3, n. 1 p. 215-232. 2013.
- CRESWELL, John w. **Projeto de pesquisa, métodos, qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DE MELO, Lígia Albuquerque. **Injustiças de Gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar**. 2002. Disponível em: http://www.spm.gov.br/arquivos-diversos/arquivos/integra_estudo_trabalho_mulher_agricola. Acesso em: 14. dez.2017.
- DOMINGUES, Maria Manuela Abreu Borges. **Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau**. Universidade Nova de Lisboa, FCSH, 2000.
- INE- Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: http://www.stat-guinebissau.com/publicacao/estatisticas_basicas.pdf acesso em: 07 de julho de 2018.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GOMES, Patrícia. As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau. Africa. Puentes, conexiones e intercambios, p. 682-701, 2010.
- JAO, Mamadú. **Origem Étnica Migração entre os Mancanha da Guiné-Bissau**. Soronda. Revista de Estudos Guineenses. Bissau, nº 14, p. 03-27, jul.1992. Disponível em: https://kriol.files.wordpress.com/2010/02/soronda_n20-net-1.pdf acesso em: 08 de julho de 2018.
- Jornal o Democrata. **Mulheres hortícolas sentem-se abandonadas pelas autoridades do país**. Disponível em: file:///c:/users/lenovo/desktop/tcc/mulheres%20hort%20c3%8dcolas%20sentem-se%20e2%80%9cabandonadas%e2%80%9d%20pelas%20autoridades%20do%20pa%20c3%8ds%20_%20o%20democrata%20gb.html acesso em: 22. out.2018
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamento da Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LIMA, Sónia Centeno et al. **Segurança Alimentar e Nutricional na comunidade dos países de língua portuguesa: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: World Nutrition, 2012.
- LOPES, Catia Sofia Nobre. **O Papel da Mulher no Microcrédito na Guiné-Bissau – Estudo de Caso em Pitche e em Pirada**; 2011. f, 57. Dissertação; Mestrado em

desenvolvimento e Cooperação Internacional. Universidade Técnica de Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão; Lisboa, 2011

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada.** In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M.A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MUTEIA, Hélder. **Segurança Alimentar no Contexto de uma Economia Sustentável.** KA Cad, 2012, p. 10.

NETO, Daena Costa. **As Expectativas para o Co-mércio Alimentar Intra-Re-gional em África e a Segurança Alimentar.** Disponível em: https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/13-DaenaCostaNeto.pdf Acesso em: 22. Out.2018

RELATÓRIO NACIONAL SOBRE A APLICAÇÃO/IMPLEMENTAÇÃO DA DECLARAÇÃO E DO PLANO DE ACÇÃO DE BEIJING (1995). Disponível em: https://www.uneca.org/sites/default/files/uploaded_documents/Beijing20/NationalReviews/guinea_bissau_beijing_report_0.pdf. Acesso em: 11 de setembro de 2018

SANTOS, Pedro MP et al. **Horticultura no desenvolvimento social no Norte da Guiné-Bissau.** I Colóquio Nacional de Horticultura Social e Terapêutica, p. 75, 2017. Disponível em: <http://www.aphorticultura.pt/uploads/4/8/0/3/48033811/actas-portuguesas-horticultura-n27-aph-jul17.pdf#page=81>. Acesso em: 15. Out.2017.

SILVA, Teresa Cruz; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves de. **Como fazer ciências sociais e humanas em África:** questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas: (textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança).

SCOTT, Joan. **"Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila." (1990).

SCHWARZ, Carlos. AMILCAR CABRAL: **um agrónomo antes do seu tempo.** 2012. Disponível em: http://casacomum.org/cc/img/destaques/2013/29/a_cabral_agronomo.pdf. Acesso em: 15. out. 2017.